



AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA ALFABETIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA/ PARFOR DA UFPA.¹

PENA, Selma. C.²
Doutora em Educação

Universidade Federal do Pará

RESUMO: O artigo descreve uma experiência de formação, ocorrida nas disciplinas Teoria e Prática da Alfabetização e Fundamentos teóricos e metodológicos de Português, no curso de Pedagogia da UFPA, com alunos do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR) que atuam em vinte escolas públicas, dos anos iniciais no Estado Pará. Teve como objetivo discutir a leitura como objeto de ensino, a partir da reflexão sobre a relação pessoal e profissional que cada professor possui com a leitura em sua vida. Conclui-se que estudar a leitura em sua dupla face – aprendizagem e ensino- favorece a construção de uma prática alfabetizadora mais qualificada, pois coloca o professor como investigador de aspectos culturais e históricos implicados no ato de ler de forma mais geral, dando ênfase à história dos leitores e à relação entre essa história e as práticas instituídas de leitura, em especial as desenvolvidas na escola.

Palavras-chave: Formação inicial. PARFOR. Avaliação diagnóstica. Leitura e escrita

INTRODUÇÃO

Esta experiência vem sendo desenvolvida desde o ano de 2012, com cinco turmas de alunos do Parfor³, da Universidade Federal do Pará. Vincula-se a um projeto mais amplo do Instituto de Ciências da Educação- ICED, aprovado no Programa Integrado de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – PROINT, intitulado “O novo currículo do curso de Pedagogia a centralidade da integração como problemática epistemológica e prática de seu projeto educativo”, que tem como objetivo geral favorecer a consolidação da proposta político pedagógica do Curso de Pedagogia por meio do desenvolvimento de ações no âmbito das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

É meu interesse, como membro do grupo de professores que atuam no PROINT, pensar a leitura e a escrita de forma mais específica, vinculada ao campo das práticas pedagógicas, de seu ensino na escola e do compromisso dos alunos de Pedagogia, que já atuam nos anos iniciais, nesse investimento. A porta de entrada apresentada neste artigo será a discussão com alunos do curso de

1 Trabalho articulado a projeto de ensino, pesquisa e extensão- PROINT, intitulado “O novo currículo do curso de Pedagogia a centralidade da integração como problemática epistemológica e prática de seu projeto educativo”

2 Docente da UFPA. Graduada em Letras. Doutorado em Educação

3 .Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR. No Pará, do total de 30 mil vagas ofertadas em todo o Estado pelo Parfor, a UFPA tem a meta de formar cerca de 15 mil desses docentes.





Licenciatura em Pedagogia do Parfor, acerca dos processos de alfabetização de alunos dos anos iniciais por meio do trabalho com a avaliação diagnóstica.

SOBRE A INQUIETAÇÃO INICIAL

O curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPA tem como foco principal a docência nos anos iniciais. As disciplinas Teoria e Prática da Alfabetização e Fundamentos teóricos e metodológicos de Português centram suas atenções na formação leitora dessas crianças.

Ao realizar diagnósticos iniciais com as turmas de Pedagogia acerca de suas histórias de leitura; dos conhecimentos que um professor alfabetizador tem que ter para alfabetizar e de suas percepções diante dos problemas apresentados em textos espontâneos de crianças dos anos iniciais, percebi que os alunos de Pedagogia não dão ainda a atenção devida ao fato de que alfabetizar deixa de ser apenas a apropriação de um código de forma mecânica, mas que esta perpassa esse conceito, necessitando, então, para sua concretização, acontecer simultâneo ao processo de letramento e mais ainda: que para alfabetizar crianças são necessários conhecimentos específicos, fundamentais a qualquer professor alfabetizador. Dessa forma, se tornou nosso desafio aprender como se pode alfabetizar crianças para que, de fato, venham a assumir a condição de cidadãos da cultura letrada.

DESENVOLVIMENTO

1. Histórias de leitura e de leitores: nossa primeira decisão foi transformar a sala de aula em espaços em que os alunos-professores¹ experienciassem práticas de leitura e de escrita, colocando a leitura em sua via dupla- a de aprendizagem e de ensino. Aqui os alunos do Parfor contaram, por escrito, suas histórias de leitura; ampliaram e aprofundaram o debate acerca desse tema, apresentando-o como outra possibilidade de interrogar esta prática para além do eixo contrastivo leitura X não-leitura. Por meio da leitura de Chartier (1990) entre outros, encontramos elementos que ampliavam nossa compreensão sobre as histórias de leitura dos professores. Alguns elementos se destacaram, pelo aspecto singular que imprimiam na constituição leitora dos professores, entre os quais:- O lugar e a importância que os suportes de leitura, quando presentes, ocupavam na família e na escola; as cenas de leitura em torno dos objetos com livros/jornais/revistas/outros objetos de leitura; as representações de leitura advindas dessas práticas. Isso foi essencial para que os alunos-

¹ Chamarei os graduandos de *alunos-professores*, pois todos são vinculados profissionalmente ao ensino público estadual e ou municipal.





professores pudessem repensar suas práticas de ensino com as crianças. **2.A avaliação diagnóstica: “com a lupa nas mãos” diante dos textos das crianças:** a partir das discussões e leituras sobre suas formações leitoras, os alunos-professores entraram em contato com a produção textual das crianças. Se antes o olhar voltava-se apenas ao “erro”, agora ele passa a ser primeiramente ao acerto, aos avanços que a criança tem ao escrever. A ideia era a de acompanhar de forma qualificada e fundamentada os processos de escrita das crianças, descrever e compreender as ocorrências, analisando-as. Por certo essa foi outra mudança de paradigma, pois os alunos puderam romper com a célebre frase “na prática a teoria é outra” já que agora se dispunham a identificar as teorias que orientavam seu trabalho. As leituras de Cabral (2003), Soares (1998), Batista (2007), entre tantos estudiosos foram fundamentais nesse aprendizado.

Nossa opção foi realizar avaliações diagnósticas com as crianças. O objetivo era levantar dados relevantes do processo de escrita das crianças por meio de instrumentos que expressassem como cada criança se encontrava. Dessa forma foi possível discriminar e caracterizar as possíveis causas das dificuldades apresentadas pelos alunos. Construímos em sala, diferentes instrumentos avaliativos que foram usados nos cinco primeiros anos do ensino fundamental. No total foram mais de vinte escolas que passaram por esse processo, tendo aproximadamente trezentos textos como *corpus* do trabalho.

Tomamos como exemplo para este relato, o tratamento dado a um dos textos¹:

- 1) Este texto é de uma criança, com idade de 10 anos, cursando o primeiro ano. A criança reescreveu a cantiga de roda que havia sido trabalhada na turma.

“Ci	éça	roa	Foci	menmia	SE ESSA RUA FOSSE MINHA
Êo		mâdava		ladrilia	EU MANDAVA LADRILHAR
com	Pédrinmias	dê	briliamtiS		COM PEDRINHAS DE BRILHANTES
para	ó	meu	amor	pasA	PARA O MEU AMOR PASSAR
éça	roa	teni	um	boSce	ESSA RUA TEM UM BOSQUE QUE SE
Cê	ci	Hâma	çolidano		CHAMA SOLIDÃO
dentro	ele mora	om	ango	Ce R o b o meo	DENTRO DELE MORA UM ANJO
coraçamo”					QUE ROUBOU MEU CORAÇÃO

A partir desse texto elegemos os dois critérios que seguem para análise sobre questões específicas de alfabetização:

¹ Parecer feito por um dos grupos de alunos-professores





O que sabe esta criança?: a estrutura composicional do gênero; a distinção entre letras e outras formas gráficas; a categorização gráfica e funcional de algumas letras nas palavras; formar sílabas canônicas (consoante+vogal); formar algumas sílabas complexas ou não canônicas: (dentro, ladrilha...); escrever palavras com sequências diferentes de letras; sabe também segmentar algumas palavras. **E O que a criança ainda precisa saber?** Segmentar totalmente as palavras; que um fonema pode ser representado por mais de um grafema (*pasa, bosce....*); e que uma mesma letra pode estar relacionada com diferentes sons (*ci éça, çolidano...*); a nasalização das palavras (*mãdava*); precisa saber que há diferentes sinais gráficos para representar o som nasal, dependendo da determinação contextual. O Aluno em questão “erra” a colocação dos acentos, talvez porque confunda com a semelhança ortográfica de palavras com ou sem acento como é o caso de : ê/e (*éça, êo, ò, meu, dê*).

Após o diagnóstico, planejamos as atividades seguindo objetivos que articulassem atividades de oralidade, leitura, análise linguística e escrita. Pelo limite desse artigo destacaremos apenas uma atividade sobre **Apropriação do sistema de escrita**, lembrando que todas as dificuldades reconhecidas no diagnóstico foram trabalhadas detalhadamente. Optamos por pesquisar as atividades em livros didáticos, lugar em que foi possível fazer a crítica e reconstrução de algumas atividades. Destacamos aqui uma atividade sobre regularidade ortográfica.

Comumente colocada nos livros sob a forma de repetição para o aprendizado de uma regra, essa atividade foi transformada pelos alunos- professores em uma reflexão sobre a língua, em que as crianças poderiam construir a regra com a ajuda do professor. Cito um exemplo de atividade para a descoberta da determinação contextual no emprego na letra , <m>: final, antes de <p> e :

- 1- Leia as palavras abaixo:
 - a) Canto, banco, linda, tango, ponte
 - b) Tempo, samba , campo, bambu, tambor.
 - c) Qual é a letra que se repete em todas as palavras do conjunto A? Marque essa letra. E no conjunto B? Marque essa letra.
 - d) A letra **N**, no conjunto A aparece antes de quais letras? Anote.
 - e) E a letra **M**? Anote.
 - f) O que você percebe? Que usamos a letra **M** antes de -----
 - g) Em que conjunto você colocaria as palavras marcadas no seguinte texto:
“O menino **tenta limpar** a **tinta** que sujou a **rampa**.”





Atividade simples, mas reflexiva, em que alunos-professores teorizaram e materializaram suas apreensões por meio das elaborações de diversas atividades.

Considerações finais

O trabalho desenvolvido tem sido extremamente bem aceito pelos alunos do curso de Pedagogia/Parfor, da UFPA. A partir dessa experiência algumas aprendizagens se evidenciam como conclusões. A primeira delas refere-se ao estudo da história da leitura dos professores como força motriz para que se repense o ensino da leitura na escola. Sabemos que ao entrar na sala de aula para cumprir seu papel e ocupar seu lugar social, o professor recontextualiza os saberes e os discursos de sua instituição e de seu meio histórico-social e ideológico. Dentro da sala de aula sua enunciação não é somente individual. Representa e reflete um “nó”, uma rede de discursos construídos através das formações imaginárias e discursivas da sociedade, da escola para qual trabalha e dos pais que esperam de sua pessoa o resultado positivo que acreditam ser o mais conveniente para seus filhos. Essa “herança” gera diferentes formas de conceber e trabalhar com a leitura na escola. Entrando em contato, por meio memorialístico, com suas trajetórias de leitura, com seus processos de *aprendizagem*, os alunos-professores puderam repensar suas formas de *ensino* da leitura com as crianças.

A segunda aprendizagem que tiramos dessa experiência é a importância da avaliação diagnóstica como ponto de partida para a mudança de postura dos professores diante dos textos das crianças. Esse diagnóstico permitiu, entre outras coisas: a elaboração de diferentes projetos de leitura e escrita com diversificados gêneros textuais, articulando processos de letramento e de alfabetização; avaliação e acompanhamento dos avanços e das dificuldades das crianças apontando algumas definições de parcerias de trabalho entre os alunos, clarificando qual o grau de conhecimento que um aluno possuía antes de ser iniciado no processo de ensino-aprendizagem da escrita, possibilitando ao professor que conhecesse as hipóteses, os interesses e as necessidades de cada criança. O que interessou não foram as “imperfeições” contidas nos textos das crianças, mas a riqueza do processo de construção que teciam a cada nova descoberta.

Quanto a mim como professora formadora, tenho a clareza de que o conhecimento que produzimos em nossas ações, sejam elas de pesquisa, ensino ou extensão é sempre interessado e influenciado por fatores de diferentes ordens. Isso não significa dizer que o que apresento neste artigo não seja um conhecimento confiável, mas significa explicitar que as ideias que lanço aqui são as *minhas* formas de apreensão (entre tantas outras) e interpretação do real. E assim como os



“dados” aqui apresentados são parciais, flexíveis e contingentes, assim também o são as minhas teorizações. Com isso me arrisco a perder a possibilidade de ser uma pesquisadora *expert* sobre o tema aqui proposto, mas ganho a chance de dizer por que quero saber o que estou procurando, as respostas possíveis, as lacunas deixadas, as formas pelas quais fui capturada e escolhida por determinadas formas de dizer o que estou dizendo.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa. Difel, 1990.

LEONOR, Cabral. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto. 2003.

SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo horizonte: Autêntica/CEALE, 1998.

BATISTA, Antônio A. G. Alfabetização e letramento: questões sobre avaliação. PRO-LETRAMENTO. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2007.